



*Temos uma instituição
bem organizada,
bem administrada
e bem estruturada,
mas alheia
e distante do Evangelho.*

JOSÉ M. CASTILLO

o Evangelho não é uma religião
e, portanto, o cristianismo, também não.
É um projeto de vida.

JOSÉ MARÍA CASTILLO é um dos nossos melhores teólogos. Perseguido durante anos e condenado por defender uma teologia popular, aberta e próxima dos pobres. A chegada do papa Francisco ao Vaticano trouxe consigo uma **reabilitação completa** de Castillo. Reabilitação não somente teológica, mas também visível: foi o próprio Bergoglio que o recebeu, e que agradeceu a Pepe Castillo pela sua teologia, numa histórica jornada, que recordamos nesta entrevista por ocasião da publicação de **"A religião de Jesus. Comentários ao Evangelho diário Ano C"**, editado por Desclée. O futuro da Igreja e das religiões são expostas, através de uma ideia muito clara: **"O Evangelho não é uma religião e, portanto, o cristianismo, também não. É um projeto de vida."**

A entrevista é de **Jesús Bastante**, publicada por **Religión Digital**, em 24-07-2018



"O Evangelho não é uma religião e, portanto, o cristianismo, também não. É um projeto de vida"

É sempre uma honra e um prazer: Pepe Castillo, bem-vindo a sua casa.

Efetivamente, este sítio é como que um prolongamento da minha casa.

É, também, o que se pretende. No [sítio] *Religión Digital* estamos a tentar criar uma grande família, formada por nós e por pessoas como você. Há sempre crianças novas, sempre muito desejadas, a

chegarem a esta nossa família. "A religião de Jesus. Comentário ao Evangelho diário Ano C (2018-2019)" da editorial Desclée é, aliás, um dos seus livros que redige todos os anos. Nos últimos anos, temos tido o cuidado de escolher excelentes fotos destas novas crianças.

Sim, entre outras coisas, têm especial cuidado com a capa. Já lá vão onze anos seguidos.

Não se torna complicado? Ao fim e ao cabo, são três ciclos, não?

Sim.

Com as repetições, será o terceiro ou quarto.

Claro. É uma das dificuldades que há na elaboração dum livro destes e dos seus correspondentes comentários: o perigo de nos repetirmos. Tento superar essa dificuldade, prestando muita atenção a uma coisa que me parece fundamental: a situação atual. Porque a vida vai mudando muito depressa e, além disso, em coisas muito profundas e muito importantes. Procurar, pois, responder às perguntas que as pessoas fazem, ou aos problemas com que se debatem, parece-me ser uma das coisas mais importantes que se podem fazer, na medida em que um livro deste tipo o pode fazer.

E que nos diz o Evangelho sobre o que se passa no mundo atual?

Diz-nos que em questões muito fundamentais da vida, este mundo se orienta por outros interesses, outros problemas, e outras soluções que estão, justamente, em oposição ao Evangelho. Isto parece-me muito importante. E pretendo acrescentar ainda o que, do meu ponto de vista, é o mais fundamental neste momento: a relação entre Igreja e Evangelho.

Qual é essa relação? Que problemas existem nessa relação?

O problema essencial, a meu ver, e tal como estou a desenvolver num livro que será lançado depois do verão [europeu], é o facto da Igreja, em grande medida e no fundamental, ter excluído o Evangelho.

Porém, não deveria ser essa a base sobre a qual tudo assenta?

Efetivamente, é a base; é o eixo, o centro. Mas, de facto, não o é verdadeiramente. Vá lá que ainda temos a sorte de dispormos de um papa como o atual. O papa Francisco é uma personagem singular na história do papado: é, pelo que sabemos, um papa inteiramente original. Do meu ponto de vista, é um homem que, sem grandes palavras, tem imprimido a sua marca, através da sua profunda intimidade e do seu programa de vida. Mas a verdade é que está a mudar o papado. E fá-lo através da sua maneira de viver, da sua humanidade, sobretudo, da sua proximidade com o povo, da sua sintonia com aqueles com quem ninguém sintoniza: as pessoas mais desamparadas e desgraçadas deste mundo. Este papa está a mudar a situação: está a mudar o papado e está a mudar, também, o futuro da Igreja. É isso que pretendo destacar.

Será suficiente? O que quero dizer é que o papa não deixa de ser um homem que enfrenta um mastodonte, - a instituição eclesiástica -, que luta com força e com tenacidade para não ter de praticar haraquiri, para não desaparecer, no sentido de desaparecerem as hierarquias, os vínculos de poder, essa estrutura piramidal que mantém um pouco afogado o Povo de Deus.

Sim, isso é verdade, porque no fundo existe um perigo muito mais grave: não constitui segredo nenhum o facto de o Papa ter, digamos assim, grandes inimigos na Igreja. E inimigos de muito alto nível. E não só entre o mundo laical, político, económico, social, intelectual..., mas também, e isso é o mais doloroso, no mundo eclesiástico.

Tem-nos dentro de casa.

Sim. Inimigos que tentaram excluí-lo do meio o mais depressa possível, ou que desejam que Deus se encarregasse disso. É uma realidade. E a raiz do problema, do meu ponto de vista, está no facto de a Igreja, logo desde as suas origens ter tido sempre dificuldades, distanciamentos e, às vezes até, contradições muito fortes com o Evangelho. Não esqueçamos uma coisa muito importante: o Evangelho não é simplesmente uma religião. A prova disso é que o protagonista do Evangelho, que é Jesus, matou a religião. E, segundo os relatos do Evangelho, que afinal de contas é uma teologia narrativa não exposta em teoria, nem em doutrinas, mas sim em relatos de factos da vida. Essa recapitulação de relatos, que cada um dos evangelistas organizou e apresentou de uma maneira distinta, coincide, no fundo, numa coisa essencial que, normalmente, uma quantidade notável do mundo clerical ateima em não reconhecer.

Que é?

O facto de o Evangelho não ser uma religião e, portanto, o cristianismo também não. É um projeto de vida. E digo que não é uma religião, pelo que já referi anteriormente, e que não me cansarei de repetir: que nunca deveríamos esquecer que o Evangelho é a história de um conflito. Um conflito que terminou em morte, e o curioso é que o grande defensor e o que mais resistiu a matar Jesus, foi, segundo os relatos da paixão, o procurador romano.

Sim, Pilatos.

O mais notável é que os mais empenhados em que ele não somente o matasse e, mais ainda, com morte de cruz (isto é, da forma mais cruel e mais humilhante e degradante que havia naquela cultura e naquela sociedade),

foram os detentores dos cargos máximos da religião. A Igreja e o cristianismo apresentaram-se, organizaram a sua vivência, constituíram-se e inseriram-se na sociedade como mais uma religião, tiveram dificuldade em desfigurar, deformar e esquecer o eixo e o centro do Evangelho.



Então, e isso é sempre objeto de discussão, como é que se consegue espalhar a mensagem, o projeto-vida de Jesus, por todo o mundo, sem haver uma religião que, além disso, neste caso, estava ligada ao poder? Porque sem o Império Romano, provavelmente, esta expansão teria sido impossível. E sem determinadas ligações entre o poder e a religião, com certeza que a mensagem de Jesus não teria chegado, durante séculos, a tanta gente. Tratar-se-á duma teoria do mal menor? Ou terá servido durante determinada época para expandir a mensagem, embora a instituição devesse ter-se libertado, depois, da sua relação com o poder?

O que tenho podido averiguar lendo, estudando e refletindo sobre o assunto, praticamente toda a minha vida, mas principalmente nos últimos anos, é que há um processo desencadeado desde o início. Serei o mais breve possível: em primeiro lugar as primeiras Igrejas

expandiram-se pelo Império sem conhecerem o Evangelho, dado que o principal propagador dessas Igrejas foi São Paulo. São Paulo não conheceu Jesus e muito menos o Evangelho. O que viveu na famosa experiência no caminho de Damasco quando, dizem, caiu do cavalo (ainda que a história não mencione nenhum cavalo), foi a experiência do Cristo ressuscitado. Portanto: um Cristo que já não é deste mundo, mas sim de após este mundo; na plenitude da sua glória na eternidade.

Quer dizer, parecia um pouco como as primárias do PP, dado que Paulo e Pedro (Paulo, esse sim, conheceu e contactou com Pedro) já tiveram os seus diferendos sobre a forma de pregar a boa nova. Faz-nos lembrar a rivalidade Cospedal/Soraya.

Tiveram confrontos por estes e outros motivos, para os quais, agora, não temos tempo. Porém, o facto é que Paulo não conheceu Jesus. Mais ainda: chega até a dizer, na segunda carta aos Coríntios, que Jesus segundo a carne (ou seja, o Jesus humano) não fez parte dos seus interesses. E continua: “e se alguma vez me interessei por isso, neste momento já não me interessa”.

A Igreja de hoje é mais Paulo ou mais Pedro? Ou nenhum dos dois?

A Igreja não se reduz a Pedro e Paulo.

Bem, mas como sintoma: se é uma Igreja mais espiritual, uma Igreja mais estrutura, ou uma Igreja que tenta regressar às origens.

Se por Pedro entendemos a Igreja que provém do Jesus histórico, evidentemente o Evangelho é mais de Pedro. As cartas apostólicas que Paulo

enviava às suas igrejas espalhadas por todo o Império a partir do Oriente – há até quem diga que chegou a Espanha -, eram elaboradas com base na sua experiência do transcendente, do Ressuscitado. Era, também, muito condicionado pelos princípios que presidiram à sua educação: foi educado na cultura grega, está muito marcado pelo pensamento estoico, e parece poder afirmar-se com toda a garantia que tinha condicionantes de origem gnóstica. Ora, nada disto é Jesus, é outra coisa, e vai por outros caminhos.

O notável é que os evangelhos começaram a aparecer a partir do ano setenta, uns quarenta e tantos anos depois da morte de Jesus. Quando a Igreja já se tinha organizado em comunidade e assembleias, nas grandes cidades do Império. Esta é a primeira dificuldade.

A segunda dificuldade é que as assembleias que compunham as igrejas de Paulo não tinham templos, nem tinham o que hoje chamamos igrejas, no sentido de edifícios. Reuniam-se em casas, que tinham de ser casas grandes, e quem dispunha de casas assim eram os ricos e poderosos. Desta forma, a Igreja organizou-se em torno das casas das pessoas ricas, importantes e dos seus consequentes interesses.



O terceiro facto – que muita gente ignora, nem dele se apercebeu – é o

facto de nos primeiros séculos todo o Império ser bilingue: falava-se, sobretudo, o grego, mas também o latim. Os evangelhos, porém, foram redigidos em grego, e quem conhecia o grego era o povo culto. Portanto, o povo de certo nível social, cultural, com todas as vantagens que inevitavelmente isso traz consigo. E os pobres que faziam eles? Pois o que sempre fizeram e continuam a fazer: ficar à margem.

A primeira tradução completa da Bíblia da qual se tem conhecimento, não é a do famoso perito em patologia Quasten do ano cento e oitenta, data já bastante avançada: quase um século e meio após a morte de Jesus. Segundo Tertuliano, é no século III que se tem notícia dessa primeira tradução de toda a Bíblia para o latim. Por isso, durante os primeiros dois séculos, o povo não teve possibilidade de conhecer o Evangelho.

Há um quarto fator muito importante: no começo do século IV dá-se a famosa “conversão de Constantino”. A partir daquele momento, sucedem-se as concessões de privilégios à Igreja. Não me detenho neste ponto. Mas convém tê-lo em conta. E, também, lá para os finais do mesmo século IV, com o imperador Teodósio, que era originário do que agora chamamos Espanha (provavelmente, da atual região de Aragão).

Foi ele quem declarou a Igreja como religião oficial do Império.

Claro. Teodósio foi o Imperador que deu mais um passo em frente em relação a Constantino: este permitiu a religião cristã, Teodósio, porém, declarou-a como sendo a única, e todas as demais passaram à clandestinidade. A partir deste momento, finais do século IV, até começos do século VI, dá-se um fenómeno que foi estudado com

muita atenção e muito documentado, por um dos homens mais competentes que temos neste assunto.

Provavelmente o mais competente em todo o mundo, um professor de Oxford chamado Peter Brawn. Escreveu um livro com um título muito curioso: “*Pelo buraco duma agulha*”. Alude à passagem do Evangelho que diz ser mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus. Este historiador demonstra como, desde finais do século IV, todo o século V e até começos do século VI, se produziu um fenómeno surpreendente: a entrada em catadupa das pessoas mais ricas e poderosas na Igreja. Chegou-se ao extremo de haver muitos casos de bispos nomeados, sem sequer serem batizados. O caso mais conhecido é o do bispo de Milão, Santo Ambrósio. Era catecúmeno, e de catecúmeno foi sagrado bispo, por verificarem ser ele o único capaz de governar uma Igreja ingovernável. Esta situação repetiu-se na Gália e, também, na Hispânia Romana. Generalizou-se. Esta entrada em massa de gente rica e poderosa na Igreja provocou uma reviravolta: o Evangelho mantinha-se, mas não se vivia. E quero insistir, aqui, numa questão que me parece capital: o Evangelho não é uma teoria, é uma forma de viver. E está presente na medida em que se vive. Se não for assim, teremos uma ou muitas teorias, há até muitas frases evangélicas que se transformaram em ditados populares; porém, uma coisa é dizê-los e outra vivê-los.

É este o grande problema da Igreja: temos uma instituição bem organizada, bem administrada e bem estruturada, mas alheia e distante do Evangelho. Muito embora haja pessoas, movimentos e grupos que o vivem, que se esforçam por vivê-lo. Vem-me à

memória o tempo de Paulo VI, quando, estando em Roma, no domingo de Páscoa da Ressurreição, fui à Praça de São Pedro, à missa do papa. Fiquei ali dez minutos. Ao ver aquele espetáculo impressionante, pensava comigo mesmo: o que é que tudo isto tem a ver com aquele de Jesus que nasceu num presépio e morreu condenado como um delinquente?

Encontrou resposta para isso?

Garanto-lhe que, naquela manhã, fui dar um passeio pelas vielas de Trastevere, às voltas com os meus pensamentos: “a minha cabeça pifou? Estarei louco? Ou é aquela gente que está louca? Como é possível que a história de Jesus tenha dado origem a isto?”.

Naquele dia, havia uma representação dos militares, daqueles que tanta gente mataram na Argentina. Estavam presentes representantes de ditaduras da América Latina, da Europa... eu sei lá! De todo o mundo, e estavam ali, na primeira fila... Como isto me impressionou! Eu era estudante e os meus pais tinham ido ver-me a Roma. Nessa altura, o papa ainda usava a cadeira gestatória, a tiara e todo aquele aparato de clarinetes, incensos, vestimentas...Lembro-me da minha mãe (era muito boa mulher, mas somos de uma povoação e de uma família muito simples), que não tinha uma cultura especial, ter ficado pálida. Perguntei-lhe:

- Mamã, aconteceu alguma coisa?
- Estou a pecar.
- Mamã, por favor, estamos na catedral de São Pedro. Aqui não se peca, aqui vimos rezar em união com a Igreja.

E a minha mãe respondeu:

- É que me lembrei de que a única

coisa a que o Senhor subiu foi a um burro. E olha como vem este senhor!

Que lição!

Esta história ficou-me gravada na alma e, a partir daí, não deixei de refletir muitas vezes. Agora, e nos onze anos que levo a escrever estes meus comentários aos evangelhos, não consigo deixar de pensar na questão. Estou a acabar um livro intitulado “*O Evangelho marginalizado*”. Afirmo que se trata duma dor de alma e que, por isso, o papa atual é uma bênção para nós. Ele, porém, está a lutar sozinho... Talvez não esteja assim tão só, mas está muito condicionado. E aos que dizem: “porque não põe fora todos os que lá estão e coloca outros?” eu respondo: o papa tem de atuar com muito cuidado, pois pode vir a provocar um cisma.



Os pontífices são construtores de pontes, não destrutores de comunhão e, claro, a questão é muito complicada. É muito difícil o trabalho que Francisco tem pela frente.

É uma coisa extremamente complicada, e delicada: ser bom, mas, ao mesmo tempo, ser firme e coerente com todos. Harmonizar estas duas coisas é um autêntico milagre. Serão necessários anos e anos para que esta empresa possa ir por diante.

Há coisas, porém, que não quero calar e que aproveito para referir neste momento. Em primeiro lugar, a evangelização das famílias que seria fundamental organizar porque está uma lástima; e a verdade é que ainda há uns bons milhares de pessoas que vão com regularidade à missa. Poucas instituições haverá que tenham assegurada a presença de tanta gente todos os domingos.

Outra coisa importante seria admitir ao sacerdócio homens casados. Mais ainda quando se sabe com segurança ter sido esta uma prática introduzida no século IV ou V.

E, em terceiro lugar, o problema da mulher: por que não permitir às mulheres o acesso ao sacerdócio em situação de igualdade com os homens? Coloca-se aqui uma questão maior de fundo: como é que, tantas vezes, se confunde um fenómeno sociológico, cultural e histórico com um facto teológico? Naturalmente que, nas culturas antigas, as mulheres eram marginalizadas. E ainda conservamos hoje em dia, resquícios dessa situação. Porém, se de alguma coisa estamos convencidos, e cada vez com mais clareza, é de que uma sociedade que marginaliza a mulher, não vai a lado nenhum. E a Igreja tem de encarar este fenómeno o mais brevemente possível: a mulher tem os mesmos direitos que o homem, e também na área da teologia. E mais, lendo e relendo, estudando os evangelhos, uma das coisas que mais nos desperta a atenção é o requintado

cuidado de proteção, de respeito e de defesa que Jesus sempre revelou para com as mulheres. Fossem elas judias ou de outras origens, e tivessem a conduta que tivessem. Jesus sempre as defendeu. Pois, então, vamos defendê-las nós também.

E a última coisa que quero dizer é que eu não tenho boca, nem palavras, nem encontro argumentos para ponderar e agradecer, ao papa Francisco, o facto de ele próprio ter telefonado para minha casa, a dizer-me que desejava organizar as coisas de forma a podermos ver-nos e ter uma entrevista comigo. Foi então que eu lhe disse:

- Olhe, padre Francisco, você e eu somos dois jesuítas sem papéis, tal como Diez Alegria, só que ele saiu ficando por cima, e eu fiquei por baixo.

Ele riu-se. Depois ao oferecer-lhe dois dos meus livros, disse-me:

- Continue a escrever. Não deixe de o fazer, porque com isso faz bem ao povo.

Estas palavras foram mais benéficas para mim do que as de todos os pregadores, diretores espirituais, confessores, etc. que tive na minha vida.

Vamos, então, atender ao pedido do papa, não é verdade? Continue a trabalhar.

É o que vou tentando fazer. E mesmo já com muitos anos de idade, continuo a trabalhar, e continuarei a fazê-lo cheio de esperança, enquanto a cabeça e o corpo aguentarem.

<https://youtu.be/kqB81-dmsFQ>

<https://www.periodistadigital.com/religion/libros/2018/07/24/jose-maria-castillo-por-que-no-se-permite-que-las-mujeres-puedan-ser-sacerdotes-igual-que-los-hombres-evangelio-religion-cristianismo-libros-desclee-evangelio-jesus.shtml>